

A defesa dos direitos do consumidor, que a nível nacional teve a sua primeira legislação em 1981, tem feito um longo percurso, reivindicando sempre melhores leis e mais fiscalização que defendam os legítimos interesses dos consumidores.

Mas quando falamos de **consumo responsável**, falamos dos **direitos dos produtores e das produtoras dos bens e serviços** que consumimos diariamente, assim como dos **direitos de todas as pessoas que contribuem para que esses produtos cheguem até nós** (ao nível da distribuição e da comercialização). O que significa falarmos das nossas responsabilidades, enquanto consumidores/as, de fazer **escolhas conscientes e críticas**, contribuindo para uma maior **dignidade humana** e para o **respeito pelo ambiente**.

No mundo em que vivemos, quando um só produto pode percorrer milhares de quilómetros e passar por dezenas de intermediários e vários países até chegar às nossas mãos, **o maior desafio é perceber em que condições esse produto foi produzido e comercializado**, em especial **em que condições humanas e ambientais**.

Ser um/a consumidor/a responsável passa por perceber que uma decisão de compra acertada vai para além da satisfação das nossas necessidades e de encontrar a melhor relação qualidade/preço; **uma decisão de compra tem repercussões sobre terceiros**.

Há que incluir nos nossos critérios de decisão **valores sociais e ambientais**.

E há que fazer uso do nosso **poder enquanto clientes**: exigir às empresas que forneçam informação sobre toda a cadeia de produção dos seus produtos e serviços e exigir que mudem de postura, quando violam ou ignoram os direitos dos trabalhadores e trabalhadoras e infringem boas práticas ambientais. As empresas só irão acrescentar **critérios éticos** aos seus critérios económicos quando entenderem que essa é uma condição para se manterem no mercado.

A ação de cada pessoa, isolada, é uma gota de água no oceano. Mas **a ação de milhares ou milhões de consumidores/as pode ter grandes impactos**: pode ditar a morte ou a vida de determinados produtos, serviços, produtores ou empresas e até contribuir para mudar regimes (como aconteceu, por exemplo, com o boicote à compra de produtos sul-africanos em todo o mundo durante a vigência do *apartheid*).

Mas não são só as pessoas que consomem. Todas as organizações também. Por isso falamos de **consumo individual** e de **consumo institucional**, neste caso incluindo o chamado **consumo público ético**.

Na Europa, por exemplo, as autoridades públicas são um dos maiores consumidores (cerca de 1.500 biliões de Euros, representando 16,3% do Produto Interno Bruto da UE, de acordo com estimativas da Comissão Europeia para a primeira década de 2000). É por isso que organizações de todo o mundo defendem que **os Estados têm a responsabilidade de assumir o consumo ético como um princípio regulador da gestão das compras públicas**, incorporando **a justiça social e e o impacto ambiental** nas suas decisões de compra (processos de contratação pública de produtos e serviços). Isso já acontece com muitas instituições de referência – como o Parlamento Europeu e vários parlamentos nacionais – e num número crescente de administrações que adotam cadernos de encargos para seleção de fornecedores de acordo com os critérios do consumo social e ambientalmente responsável.

Enquanto pessoas, enquanto organizações / instituições

Pensemos nas razões por que compramos...

- porque necessitamos?
- porque outras pessoas compram, ou têm?
- porque está na moda?
- para afastar problemas ou momentos menos bons?
- por impulso?
- porque vimos/ouvimos na publicidade?
-?

Pensemos nos nossos critérios de consumo: compramos...

- o que é mais barato?
- a partir da verificação e da escolha das proveniências dos produtos?
- produtos de circuitos comerciais curtos?
- produtos ecológicos, biológicos?
- produtos do Comércio Justo?
- nas lojas mais pequenas, locais?
- só nas grandes superfícies?
- o que é mais bonito?
- o que tem mais qualidade?
-?

E já agora: de que qualidade falamos?

- social?
- ambiental?
- para a saúde?
- estética?
-?

Estamos habituados/as a...

- ler as etiquetas para conhecer as proveniências dos produtos?
- informar-nos sobre as condições de trabalho dos e das produtores/as?
- escolher as embalagens menos poluentes e que produzem menos lixo?
- procurar ativamente os produtos com cujo tipo de qualidade nos identificamos mais?
- conhecer e preferir os produtos alimentares de cada estação do ano?
- comprar em vários sítios, complementares, em vez de tudo num só sítio, geralmente uma grande superfície?
- reutilizar, reciclar, restaurar, de alguma forma, o que já não usamos?
-?

Estamos na fase de reduzir o consumo...

- por razões económicas?
- porque não precisamos de tanto?
- porque o planeta não aguenta um tal nível de gasto de recursos, nem de lixo?
- para não contribuir para o aumento das desigualdades sociais?
- para evitar os desperdícios?
-?

Gostaríamos de...

- conhecer melhor quem produz o que comemos, vestimos, utilizamos...?
- compreender a sério os mecanismos de produção, de transformação dos produtos?
- perceber como funciona a cadeia comercial, a vários níveis: local, regional, nacional, internacional...?
- descobrir que papel podemos ter, socialmente falando, como consumidores/as?
- sermos capazes de mudar de hábitos que não nos fazem sentido?
- partilhar com outras pessoas novas ideias e práticas?
-?

Tomemos 21 minutos do nosso tempo para ver este vídeo: "[A história das coisas](https://www.youtube.com/watch?feature=player_embedded&v=3c88_Z0FF4k)"
(https://www.youtube.com/watch?feature=player_embedded&v=3c88_Z0FF4k)